



PROJETAR 2003

I SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO E PESQUISA EM PROJETO DE ARQUITETURA
NATAL DE 07 A 10 DE OUTUBRO, RN/BRASIL - PPGAU-UFRN

A (DES)CONSTRUÇÃO DO PRINCÍPIO ENSAIO SOBRE O ENSINO DO PROJETO DE ARQUITETURA

SOBREIRA, Fabiano

Prof. Dr. Departamento de Arquitetura e Urbanismo - Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA –
Recife-PE - e-mail: fjasobreira@yahoo.co.uk

Departamento de Arquitetura e Urbanismo - Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA

Rua Bispo Cardoso Ayres, s/n - Santo Amaro - Recife - PE

RESUMO

Este ensaio apresenta questionamentos e especulações teóricas, didáticas e metodológicas que refletem a revisão paradigmática pela qual passa o ensino acadêmico do Projeto de Arquitetura. O autor sugere ser necessária uma ação reflexiva, definida neste ensaio como a (Des)Construção do Princípio, como meio de renovação do ensino e o processo de aprendizagem da arquitetura. A partir de experiências práticas e da reformulação do projeto pedagógico do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA, a (Des)Construção do Princípio é apresentada como uma base didático-pedagógica proposta pelo autor para a reflexão conceitual do Projeto, enquanto disciplina, e da Arquitetura, enquanto objeto de aprendizagem.

Palavras-chave

Projeto de arquitetura, ensino, desconstrução

ABSTRACT

This essay arises questions and discusses theoretical, didactic and methodological speculations which reflect an paradigmatic revision which has been present in Architecture Planning teaching programs. The author suggests its is necessary an reflexive action, defined in this essay as the Principle (De)Construction, as a mean to reformulate architectural teaching and learning process. From didactic experiences and pedagogic reformulation experiences which have been carried out at the Architecture and Urban Planning Department at the Faculty of Human Science (ESUDA), the Principle (De)Construction is presented as a didactic-pedagogic basis, proposed by the author, to the conceptual reflection on Project, as a discipline, as Architecture, as a learning object.

Keywords

Architecture planning, teaching, deconstruction

SÍNDROME DO VAZIO CONCEITUAL

Quando os postulados não mais regulam a prática projetual; quando os receituários estilísticos são substituídos por ensaios filosóficos sujeitos à interpretação subjetiva de uma época ou até mesmo de um observador; quando os rótulos, as lições, as cartas ou os manuais não mais cumprem suas funções definidoras de uma atividade projetual que se quer unitária ou, enfim, quando o Princípio Arquitetônico, enquanto fonte de referência acadêmica, é colocado sob questionamento... pergunta-se: como deve ser ensinado o Projeto? A resposta natural, por vezes involuntária, que se tem observado em escolas de Arquitetura ao longo das últimas décadas (em especial a partir de meados dos anos 80), tem sido um estado de indefinição paradigmática no ensino do projeto, caracterizado pela ausência de reflexão teórica no exercício acadêmico. Essa indefinição formou toda uma geração de arquitetos-educadores, em parte acomodados a atitudes extremas, ora de reprodução, ora de negação de Princípios arquitetônicos e didáticos estabelecidos, porém pouco dispostos ou preparados para atitudes de reflexão. Essa ação reflexiva, necessária à renovação do ensino da arquitetura, é definida neste ensaio como a (Des)Construção do Princípio.

A ausência de bases conceituais sobre as quais possam ser conduzidas as práticas projetuais no ensino de arquitetura, combinada à fragilidade didática resultante da individualidade dos enfoques pedagógicos é definida, neste ensaio, de forma retórica e metafórica, como a "Síndrome do Vazio Conceitual". Essa síndrome, no ensino do projeto, tem sido expressa como uma reação latente aos paradigmas totalitários da escola auto-denominada Moderna, combinados à exagerada multiplicidade (que acaba se revelando como ausência) de referências das escolas precocemente (e muitas vezes equivocadamente) rotuladas de Pós-Modernas.

Como sintoma dessa "síndrome", observa-se um processo de ensino-aprendizagem fragilizado, em que os produtos acadêmicos (projeto elaborado pelo arquiteto-aprendiz), apesar da aparente diversidade plástica, são em boa parte expressões típicas da ausência de crítica e de reflexão projetual. Nesse processo, o arquiteto-educador se torna apenas um mediador de ações projetuais unilaterais, esboçadas a partir de diretrizes e programas arquitetônicos previamente estabelecidos, sobre os quais inexistem reflexões ou questionamentos. O aprendiz, futuro arquiteto, limitado ao seu "vazio conceitual", que é agravado pela carência de relações interdisciplinares ou de reflexões teóricas, é conduzido pelas impressões ora extremamente subjetivas (gosto e estilo), ora extremamente objetivas (normas e representação gráfica) que são apresentadas pelo mestre. Constrói-se, a partir daí, o seu produto acadêmico - o projeto - de forma hermética e pouco reflexiva. Um produto de múltiplas influências, porém de frágeis confluências, que ao final é avaliado e rotulado pelo educador segundo medidas de desempenho que estão igualmente situadas ora nos extremos da subjetividade (gosto), ora nos extremos da objetividade (normatização).

O arquiteto-educador, quando extremamente estilístico, apresenta dificuldades na apreensão de uma visão crítica da Arquitetura enquanto disciplina reflexiva, e em geral é limitado por fortes influências de formação pessoal (área de interesse) ou institucional (escola - no sentido amplo da palavra - da qual é originário). Como consequência, elege estilos e expressões plásticas que considera como "referências estilísticas" ideais. O produto acadêmico ideal, na visão desse educador, está situado dentro do universo imaginário e simbólico formulado pelo mesmo, e qualquer expressão que se distancie desse ideário é julgada inoportuna.

A normatização extrema, por outro lado, é reflexo da fragilidade do educador diante da formação de conceitos teóricos e da pouca familiaridade em relação à crítica da

arquitetura associada ao ato projetual. Em geral, esse arquiteto-educador é proveniente de uma realidade prática inserida em rotinas de repetição e de normatização, e conseqüentemente pouco reflexivas. Para esse educador o bom produto acadêmico é o projeto devidamente formatado, segundo as normas, as diretrizes e os padrões pré-definidos.

Nos dois casos o processo de aprendizagem, assim como a capacidade de apreensão de conceitos e de avaliação crítica do objeto arquitetônico, por parte do aprendiz, são ignorados na rotina de ensino do projeto de arquitetura. Nos dois casos a autonomia criativa, a percepção contextual e a visão crítica, elementos essenciais na formação do arquiteto, são suprimidos em função da tarefa de reprodução de baixo conteúdo conceitual (seja estilística ou normativa). Essa fragilidade conceitual, quando presente no ensino do projeto de Arquitetura, se expressa não apenas na fragilidade dos produtos, mas principalmente no hermetismo do processo de aprendizagem.

DES(CONSTRUÇÃO) DO CONHECIMENTO

Sob qual princípio devemos projetar? Devemos, enquanto arquitetos-educadores, ensinar princípios ou apresentar as bases conceituais necessárias para a formulação e a reflexão sobre os mesmos?

No caso específico do princípio arquitetônico a desconstrução significa não necessariamente a negação do Renascentista, do Barroco, do Eclético, do Moderno, do Moderno ou do Pós-Moderno, mas o conhecimento e a reflexão sobre as bases conceituais que dão suporte a cada uma dessas expressões, de forma a construir novos princípios. Esses princípios não estarão necessariamente vinculados a estilos, mas a métodos de apreensão e de concepção do espaço arquitetônico. Pode-se observar, por exemplo, que apesar de aparentes divergências estéticas, o Clássico e o Moderno estão ligados a certos princípios arquitetônicos que são comuns, ou pode-se concluir, como sugere Harvey (1998), sobre o pós-modernismo, pela ausência de qualquer princípio. Desconstruir o princípio, portanto, é refletir sobre o ato projetual, o processo, ao invés de concentrar a atenção apenas no produto. Sob essa perspectiva, não haveria, no ensino do projeto, estilo a ser ignorado ou laureado, não haveria corrente a ser predominante ou marginal. A decisão estilística seria parte de um processo de construção do conhecimento, resultante da desconstrução do Princípio.

Nesse processo de desconstrução não apenas as correntes estilísticas são objeto de reflexão, mas também a própria contextualização do que será projetado, isto é, a conceituação da arquitetura enquanto objeto de múltiplas dimensões: espacial, temporal, social, simbólica, etc.

Quando se trata do princípio metodológico, trata-se não apenas da revisão método projetual, como simulação acadêmica de uma atividade profissional futura, mas especialmente revisão do método de ensino. Afinal, o saber e as ferramentas metodológicas associadas à execução do projeto são em geral confundidas com as ferramentas do ensino do projeto. Entre o arquiteto e o educador de arquitetura há uma lacuna didática que precisa ser preenchida com a reflexão sobre o método e seus princípios.

Sob o ponto de vista didático-pedagógico, portanto, o processo unilateral do tipo pergunta-resposta (programa-projeto), é substituído por uma relação mais complexa, porém mais coerente com o processo de aprendizagem: conceitos-reflexão-ideia. Neste caso, o projeto, enquanto disciplina, é o resultado dessa tríade cíclica, que reforça o

sentido de processo, ao invés do simples produto, através da reflexão e da apreensão dos conceitos, da reflexão sobre o tema e sobre os princípios, da formulação e reformulação das idéias, em um ciclo dinâmico de elaboração projetual.

PROJETO: CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Os distintos níveis das disciplinas de Projeto, ao longo da grade curricular de um curso de Arquitetura e Urbanismo, não podem representar apenas a evolução da complexidade programática, temática, estrutural ou funcional. Deve-se entender que há diferenças na forma de se apreender o espaço e de lidar com a arquitetura enquanto objeto de aprendizagem. Dessa forma, uma casa mínima não é necessariamente um programa a ser tratado nos projetos preliminares, assim como um complexo multifuncional não é tema exclusivo dos projetos finais. Complexidade programática é apenas um dos critérios, que depende de definições e precisões entre processo e produto.

O tema casa, por exemplo, pode estar presente no primeiro e no último semestre da estrutura curricular, variando neste caso o enfoque metodológico, o processo de condução dos trabalhos e a abrangência do produto final. A conceituação, a reflexão, e a formulação despreziosa de idéias relacionadas ao sentido de habitabilidade, de conforto, ou até mesmo o simbolismo que se expressa a partir da idéia de casa, enquanto refúgio ou abrigo são elementos mais importantes, em determinados estágios de aprendizagem, do que o tradicional conjunto de elementos gráficos regularmente apresentados, contendo a representação de um projeto arquitetônico.

Da mesma forma, temas abstratos ou pouco usuais podem ser importantes fontes de referência criativa, especialmente quando o objetivo é concentrar a atenção na criatividade, ao invés da solução programática. Espacializar conceitos pertencentes ao universo abstrato, como as Cidades Invisíveis de Calvino, a poesia concreta de João Cabral de Melo Neto, ou o universo ficcional de Júlio Verne. Um exercício acadêmico em Projeto, portanto, não pode ser lançado como uma pergunta que guarda uma resposta única, precisa e objetiva. Trata-se de um exercício provocativo, em que se estimula a potencialidade criativa, associada à multiplicidade de possibilidades. Em alguns casos talvez a resposta final nem importe, mas os caminhos utilizados na reflexão sobre o tema.

A nova estrutura curricular do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Ciências Humanas (ESUDA), construída sobre a idéia de unidades de conhecimento, ao invés de se restringir às unidades de carga horária, reúne as disciplinas em seis complexos temáticos: Projeto Arquitetônico, Estudos Urbanos e Ambientais, Teorias e Histórias, Tecnologia Aplicada, Representação Gráfica e Fundamentos. O complexo temático Projeto Arquitetônico está dividido em dois grupos (matérias): Criação e Desenvolvimento.

A matéria Criação, do complexo Projeto Arquitetônico, inclui as disciplinas de Plástica (I e II) e Projeto (I a III), que se estendem do 1º até o 5º semestre do curso. A matéria Desenvolvimento, do referido complexo temático, inclui as disciplinas do Projeto IV ao Projeto VII (6º ao 9º semestre). A estrutura, em si, não difere de forma considerável da estrutura de qualquer outra Escola de Arquitetura. A essência, no entanto, está no enfoque didático aplicado a cada grupo de disciplinas. A matéria Criação, composta por cinco disciplinas, concentra-se na apreensão do conceito de espaço e no estímulo à criatividade do arquiteto-aprendiz, enquanto no grupo de disciplinas referentes ao Desenvolvimento o exercício projetual, a conceituação e a criatividade, são

complementadas pelo estudo gradualmente detalhado da viabilidade construtiva, funcional e programática do objeto.

Apesar de serem definidas como disciplinas de "ateliê", portanto conduzidas de forma prática e experimental, vale destacar que a produção do projeto não está dissociada da apreensão teórica ou da exposição dos conceitos. Afinal, considerando o processo de elaboração como algo tão importante quanto o produto em si, no processo de aprendizagem do projeto a tradicional "caixa preta" do processo criativo é aberta, dissecada; e o processo que em geral é hermético e unilateral passa a ser desvendado e acompanhado em cada uma das etapas.

DIRETRIZES PARA O ENSINO DO PROJETO DE ARQUITETURA

As grandes escolas de Arquitetura são reconhecidas mais pelos estilos resultantes de sua formação científica e artística, como é o caso da Bauhaus em relação ao Moderno, do que pela revolução metodológica no ensino do projeto. Em um contexto contemporâneo de reflexão paradigmática e de diversidade simbólica, o que se espera das escolas de Arquitetura não é mais o estilo, e sim o método. Não apenas o método projetual como rotina de execução de produtos planejados, mas principalmente o método de ensino como ponto de partida para o exercício criativo. A principal preocupação das escolas de arquitetura não deve se concentrar apenas na discussão sobre o que é Moderno, Pós-Moderno ou Deconstrutivista, mas como entender toda essa diversidade conceitual e construir o conhecimento a partir dessa pluralidade de referências.

Dessa forma, afim de se evitar a "Síndrome do Vazio Conceitual", que tem se alastrado nas escolas de Arquitetura, e de maneira a se estabelecer um processo de construção do conhecimento a partir da (Des)Construção criativa do Princípio, algumas desconstruções são necessárias, como fundamentos para o ensino do projeto de Arquitetura:

Princípio Avaliativo - o ensino do projeto deve atentar para o processo, como complemento ao produto;

Princípio Curricular - a evolução dos projetos na estrutura curricular não deve corresponder, necessariamente a uma evolução programática, mas às distintas formas de apreensão e formulação do espaço por parte do arquiteto-aprendiz;

Princípio Científico - o ensino do projeto, nas escolas de arquitetura, não deve ser orientado diretamente para o mercado, que é instável e imprevisível, mas pelas demandas sociais, pelos avanços tecnológicos e pelas produções científicas. O mercado será, a médio prazo, o reflexo da combinação de todos esses elementos, e conseqüentemente, seguirá o caminho do avanço do conhecimento;

Princípio Formativo - as escolas de Arquitetura não formam apenas desenhistas ou operadores de ferramentas de representação gráfica, de forma que o ensino do projeto não deve ser conduzido como preparação de mão de obra barata e temporária para estágios profissionais de valor acadêmico questionável e limitado;

Princípio Tecnológico - a tecnologia computacional pode oferecer ferramentas que vão além da mera representação gráfica, de forma que o uso de CAD no ensino do projeto deve ser estimulado como ferramenta de criação, e não apenas de digitalização ou reprodução;

Princípio Interdisciplinar - as disciplinas de projeto são a espinha-dorsal de qualquer curso de Arquitetura, mas não são auto-suficientes, de forma que a interdisciplinaridade

é uma prática essencial para a completa apreensão das diversas faces (histórica, tecnológica, social, simbólica, ambiental, etc) da Arquitetura;

Princípio Conceitual - teoria e prática são elementos indissociáveis em qualquer processo de aprendizagem, de forma que o ensino do projeto deve trazer a discussão teórica para o ambiente pragmático da concepção arquitetônica, seja através da discussão temática em seminários, elaboração de estudos de caso, memoriais descritivos ou exposição de motivos, como parte essencial da produção acadêmica das disciplinas de projeto;

Princípio Pedagógico - a diversidade de enfoques e de experiências dos arquitetos-educadores de Projeto de Arquitetura deve ser observada como uma potencialidade, e não como uma limitação didático-pedagógica. No entanto, deve-se ressaltar a importância de se criar ambientes e momentos de discussão e exposição de idéias, de metodologias, de processos de avaliação e de fundamentação conceitual, afim de que a formação do arquiteto-aprendiz seja concebida como um todo articulado e conscientemente inter-relacionado, permitindo também a difusão de experiências bem-sucedidas, assim como revisão das experiências mal-sucedidas;

Princípio Extensionista - a experiência acadêmica do professor e do aluno no ensino devem ser complementadas pela extensão, como forma de socialização das atividades e dos produtos acadêmicos, garantindo a contextualização do aprendizado à realidade social do lugar e a aplicabilidade concreta do conhecimento adquirido;

Princípio Acadêmico - a atualização, a capacitação e a produção científica são elementos que devem ser perseguidos pelo professor como garantia de uma constante atualização e revisão dos conhecimentos. O bom nível de titulação do corpo docente será uma consequência dessa produção científica constante e de qualidade;

CONCLUSÕES

Desconstruir o Princípio é construir o conhecimento a partir das bases conceituais que o sustentam. Deconstrução, neste sentido, não é destruição ou negação de uma referência, mas a decomposição de uma estrutura em seus elementos fundamentais, e a partir daí a reconstrução o objeto a partir de uma reflexão contextualizada no tempo e no espaço.

Os princípios podem ser arquitetônicos, metodológicos, conceituais ou didáticos e precisam ser desconstruídos não apenas pelo aprendiz, mas especialmente pelo educador. O Princípio Arquitetônico, da forma como está conceituado neste ensaio, é o conjunto de postulados que definem a prática projetual de um indivíduo, de uma escola ou de uma geração. Em geral, o produto da aplicação dos Princípios Arquitetônicos, quando observado sob o olhar histórico-conceitual, gera o Estilo. Este, no entanto, tende a ser apreendido como expressão superficial de um processo de repetição estética, em que o Princípio é ignorado em função da expressão plástica.

Enfim, o ensino do projeto não deve ser confundido com a disseminação de estilo ou propagação de Princípios Arquitetônicos pré-estabelecidos. A reflexão sobre o método projetual tem sido substituída pela formulação superficial do que se denomina partido arquitetônico, expressão apropriada para acolher a diversidade de expressões projetuais, mas também indevidamente utilizada para mascarar a eventual falta de propósitos na formulação dos exercícios projetuais. É preciso desconstruir os princípios metodológicos da concepção projetual, conduzindo o arquiteto-aprendiz às bases elementares da Arquitetura enquanto objeto de aprendizagem, afim de que se possa construir conhecimento a partir da informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

VENTURI, Robert. **Complexidade e contradição em arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LE CORBUSIER. **Por uma arquitetura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

WOLFE, Tom. **Da Bauhaus ao nosso caos**. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 1991.

SOBREIRA, Fabiano. **Diversidade e inclusão curricular: um projeto de revisão curricular para o curso de Arquitetura e Urbanismo**. 2002. Trabalho apresentado no Encontro da Associação Brasileira de Ensino da Arquitetura, Natal, 2002.

CARSALADE, Flávio. A questão da avaliação no ensino de projeto. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo**. Belo Horizonte, n.8, fev. 2001.